

País deve criar 2,5 milhões de empregos no próximo ano

Se a economia brasileira começar 2008 com desempenho igual ao de 2007, deverão ser criados 2,5 milhões de empregos formais e informais no ano que vem, segundo economistas. O número é inferior ao estimado para este ano (2,7 milhões).

A base são investimentos em infra-estrutura, construção civil, estradas, hidrelétricas e indústrias. **Pág. 81**

País deve abrir 2,5 milhões de vagas em 2008

Para economistas, geração de empregos formais e informais deve ficar abaixo do registrado em 2007, mas com ritmo ainda forte

Previsão leva em conta um desempenho da economia semelhante ao deste ano; renda não se recuperou totalmente, diz especialista

**FÁTIMA FERNANDES
CLAUDIA ROLLI**
DA REPORTAGEM LOCAL

Se a economia brasileira começar 2008 com desempenho no mínimo igual ao deste ano, é razoável estimar a criação de até 2,5 milhões de empregos formais e informais no país no ano que vem, segundo economistas consultados pela **Folha**.

O número é inferior ao que especialistas estimam para este ano: a criação de 2,7 milhões de empregos formais e informais, mesmo nível de 2004. Mas, ainda assim, consideram esse número surpreendente.

“A criação de cerca de 2,5 milhões de empregos em 2008 é compatível com o crescimento da economia previsto para o ano que vem, entre 5% e 5,5%”, afirma Marcio Pochmann, presidente do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

“A criação de empregos deve bater recorde em 2007. Se o país criar mais 2,5 milhões de empregos em 2008, o que seria manter a média dos últimos quatro anos, seria surpreendente”, diz Marcelo Neri, economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Os milhões de empregos possíveis de serem criados estão baseados principalmente nos investimentos previstos em infra-estrutura (saneamento), construção civil pesada e habitacional, estradas, hidrelétricas e em indústrias para aumentar capacidade de produção.

“Haverá eleições municipais em 2008. É bem provável que as prefeituras aumentem os investimentos em obras públicas e em mão-de-obra”, diz Clemente Ganz Lúcio, diretor do Dieese em São Paulo. “Deve ser um ano com crescimento de emprego em todos os setores.”

De 1997 a 2005, o mercado de trabalho no Brasil registrou um dos seus piores momentos, com redução real de salários. Desde 2004 o emprego e também a renda do trabalhador vêm se recuperando. “O emprego já se recuperou, e a renda, ainda não”, afirma Neri.

Em 2004, foram criados 2,7 milhões de empregos formais e informais no país. Em 2005, 2,5 milhões. Em 2006, 2,1 milhões. Em 2007, esse número deve chegar a 2,7 milhões, com base em dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), do IBGE.

Para Neri, da FGV, a qualidade do emprego melhorou porque parte significativa das vagas criadas, especialmente neste ano, é formal — com carteira assinada.

“Faz muito tempo que não vemos no país um crescimento de emprego tão seqüenciado como esse que vemos desde 2004. E o interessante é que esse movimento atinge todos os setores da economia. É muito importante chamar a aten-

ção para a necessidade de requalificação da mão-de-obra, porque as oportunidades de trabalho estão se multiplicando”, afirma Fábio Silveira, sócio-diretor da RC Consultores.

Economistas e especialistas em mercado de trabalho vêem para 2008 aumento no emprego especializado em todas as áreas, já que as fábricas estão aprimorando cada vez mais seus meios de produção.

Operar uma máquina numa indústria automobilística ou produzir um televisor exige hoje muito mais conhecimento do empregado do que há dois ou três anos, de acordo com os economistas consultados.

“Esses investimentos feitos pelas indústrias em modernização vão levar à reorganização do sistema de emprego, que terá de ser cada vez mais qualificado no país”, diz Pochmann.

“O mercado de trabalho atravessa hoje uma situação favorável e a expectativa é que isso venha a se perpetuar em 2008. O percentual de trabalhadores com carteira assinada, que hoje é de 42% sobre a população ocupada [21,3 milhões de pes-

soas], deve continuar subindo”, afirma Cimar Azeredo Pereira, gerente da integração da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e da Pnad, do IBGE.

Na estimativa de Fábio Romão, da LCA Consultores, o total de empregos formais criados no país —considerando os dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), do Ministério do Trabalho— deve chegar neste ano a 1,689 milhão. Para o próximo ano, a previsão é que chegue a 1,568 milhão de vagas.

“O resultado deve ser um pouco inferior ao previsto para este ano porque se estima que o país vá crescer menos em 2008. Para este ano, o PIB deve ficar em torno de 5,2%. Em 2008, deve ser de 4,5%. A projeção de aumento da produção física industrial também é inferior para 2008. Neste ano estima-se que tenha crescido cerca de 6% e para o ano que vem a projeção é de 5%”, diz Romão.

Um dos setores que devem ter forte expansão no emprego em 2008, a exemplo do que ocorreu neste ano, é o da construção civil. Em 2006 foram abertas 85,8 mil vagas nesse setor. Em 2007, mais 191,4 mil empregos deverão ser criados.

“Tradicionalmente, a construção civil responde com defasagem de seis meses a um ano nos investimentos feitos no setor. A expansão do emprego agora é resultado dos investimentos feitos desde o fim de 2006”, diz Romão. Para 2008, a estimativa é que sejam criadas 204,1 mil vagas no setor.

Na indústria, o destaque na geração de vagas deve ficar com dois segmentos: o de açúcar e álcool, impulsionado principalmente pela venda de veículos do modelo flex, e o de alimentos e bebidas. “O emprego deve aumentar nesse setor porque a produção de alimentos também cresce com a melhoria na renda e no consumo das famílias”, afirma o economista da LCA Consultores.

Cenário externo e inflação são principais obstáculos à expansão

DA REPORTAGEM LOCAL

O eventual desempenho desfavorável da economia norteamericana —que deve se desacelerar nos próximos meses— e a possível alta da inflação no Brasil, puxada especialmente pelos alimentos, são os principais obstáculos ao crescimento do país e do emprego no próximo ano, segundo especialistas no mercado de trabalho ouvidos pela **Folha**.

“Algumas ressalvas sobre as projeções otimistas para o emprego para 2008 precisam ser feitas. Não há garantia de que o cenário externo continuará favorável, assim como a trajetória de preços no mercado inter-

no”, afirma Lauro Ramos, economista do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

A reação do governo em relação à rejeição da prorrogação da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) também preocupa. “Se o governo fizer ajuste via redução do superávit primário, os juros podem subir em 2008, e isso resulta em menos crescimento”, diz José Marcio Camargo, sócio da Tendências e professor de economia da PUC.

Para Marcelo Neri, economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, a questão da CPMF “coloca em xeque” algumas das previsões positivas para o ano que vem. (FF e CR)

Rendimentos devem avançar entre 3% e 5%

DA REPORTAGEM LOCAL

A massa real de rendimento dos trabalhadores deve subir entre 3% e 5% na estimativa de dez economistas e especialistas em mercado de trabalho consultados pela **Folha**.

“O aumento da formalização tem impacto direto na melhoria da renda. O trabalhador que está na informalidade recebe salário menor do que o que tem registro em carteira. Como a tendência é que o movimento de formalização do emprego se mantenha, as perspectivas são de melhoria no rendimento também para 2008”, diz Fábio Romão, economista da LCA Consultores.

O rendimento real do trabalhador (descontada a inflação) deve ter incremento de 2,63% neste ano considerando dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2006, do IBGE, segundo estimativa de Romão. Para 2008, a projeção é de aumentar 2,42%.

Renda perde para 2002

Apesar de estar em recuperação, a renda do trabalhador ainda não atingiu patamar de 2002, segundo Cimar Azeredo Pereira, gerente da

integração da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e da Pnad do IBGE. Em março de 2002, o rendimento médio da população ocupada era de R\$ 1.183,15, enquanto em março deste ano estava em R\$ 1.132,50.

Pereira faz outra comparação: na média de março a outubro de 2002, o rendimento médio chegou a R\$ 1.198,93. Na média dos mesmos meses deste ano foi de R\$ 1.126,90.

“O rendimento real do trabalhador ainda tem de subir 6% para recuperar o que já foi no passado, mas está claramente em recuperação”, diz Pereira.

De janeiro a novembro deste ano, o rendimento acumulado do trabalhador subiu 11% de janeiro a novembro deste ano na indústria na comparação com o acumulado de janeiro a novembro de 2003. No comércio, a alta foi de 7%; na construção civil, de 5,7%; nos serviços, de 4% e, nos serviços domésticos, de 15%, no período.

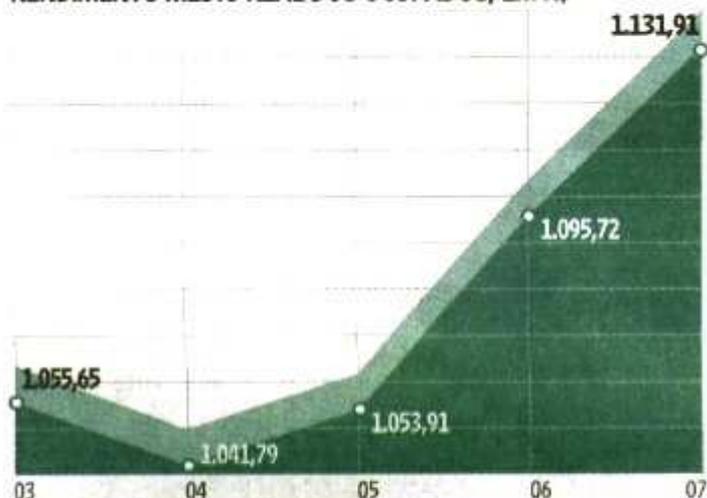
O nível de ocupação sobre a Pia (População em Idade Ativa) já supera em 2007 o de 2002. De março a outubro de 2002, a proporção média de pessoas ocupadas sobre a Pia foi de 48,7%. De março a outubro deste ano foi de 51,5%.

A proporção de pessoas com carteira assinada sobre o total de ocupados subiu de 40,5% para 42,4%, em média, no período. (FF e CR)

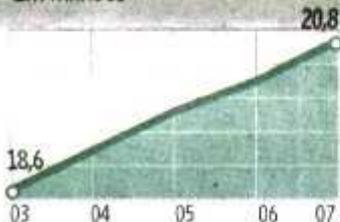
AUMENTA RENDIMENTO DOS OCUPADOS

Valor chegou a R\$ 1.131,91 na média do ano até novembro

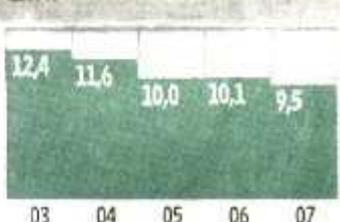
RENDIMENTO MÉDIO REAL DOS OCUPADOS, EM R\$ *



POPULAÇÃO OCUPADA
Em milhões*



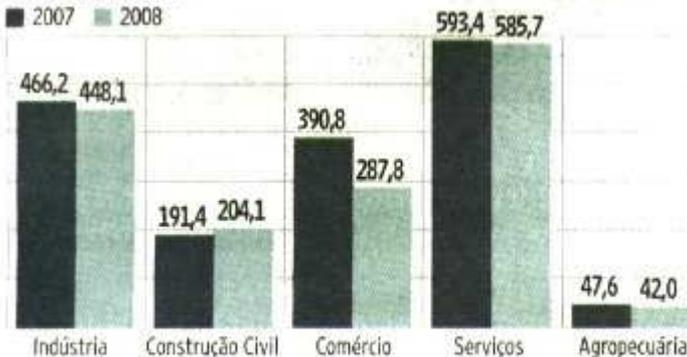
CAI TAXA DE DESOCUPAÇÃO*
Em %



PROJEÇÃO DE EMPREGOS CRIADOS

Por setor, em mil

■ 2007 ■ 2008



1,568 milhão

é o número de vagas formais que devem ser criadas em 2008, segundo estimativa da LCA com base em dados do Ministério do Trabalho. Em 2007, foram criados 1,689 milhão de empregos

* média no período de janeiro a novembro Fontes: PME/IBGE e LCA a partir de dados do Caged/MTE



Se o país criar mais 2,5 milhões de empregos em 2008, o que seria manter a média dos últimos quatro anos, seria surpreendente

MARCELONERI

economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas



Trabalhador em linha de produção de carros no ABC paulista